

O Negro do Rastilho: memória social e identidade cultural em Jaguarão, RS

El Negro Rastilho: memoria social e identidad cultural en Jaguarão, RS

The Negro Rastilho: social memory and cultural identity in Jaguarao, RS

Alef Franco Caldeira ¹

Ma. Alessandra Buriol Farinha ²

Resumo

O presente trabalho trata da descrição de uma lenda da zona rural de Jaguarão, RS, o “Negro do Rastilho”. O principal objetivo do trabalho é relatar e assim dar visibilidade a história do Negro do Rastilho, que viveu no local no começo do século XX. O trabalho também mostra o vínculo deste objeto de pesquisa com a memória cultural da comunidade local, perpassando questões étnicas, místicas e religiosas que permaneceram no imaginário popular através de gerações de jaguarenses, principalmente por pessoas que retratam que se identificam com o negro em sua vida cotidiana. A metodologia utilizada foi revisão teórica de memória, identidade, tradição e registro de bens imateriais, além da história oral com alguns devotos do Negro do Rastilho, moradores da região. Foram utilizadas imagens e algumas informações históricas junto ao projeto de pesquisa Oralidade e Fronteira, da Universidade Federal do Pampa. Como resultados, pode-se reiterar a importância de evidenciar as manifestações da cultura popular, que expressem as crenças e diferentes tempos vividos por antepassados, um legado cultural que merece ser registrado para que seja protegido.

Palavras-Chave: Negro do Rastilho, Jaguarão, Memória, Identidade

Resumen

El presente trabajo trata de la descripción de una leyenda de la zona rural de Jaguarão, RS, el “Negro del Rastrillo”. El principal objetivo del trabajo es relatar y así dar visibilidad a la historia del Negro del Rastrillo, que vivió en este local en el comienzo del siglo XX. El trabajo también muestra el vínculo desde el objetivo de la pesquisa con la memoria cultural de la comunidad local, pasando por cuestiones étnicas, místicas y religiosas que permanecerán en el imaginario popular a través de generaciones de jaguarenses, principalmente por personas que retratan, que se identifican con el negro en su vida cotidiana. La metodología utilizada fue revisión teórica de la memoria, la identidad, la tradición y el registro de los activos intangibles, así como la historia oral con algunos devotos del Rastrillo Negro, residentes. Fotos y informaciones históricas fueran utilizadas por el proyecto de investigación Oralidad y Frontier, la Universidad Federal de Pampa. Como resultado, podemos reiterar la importancia de destacar las manifestaciones de la cultura popular, que expresan las creencias y

¹ Universidade Federal do Pampa – Unipampa; Campus Jaguarão, Rio Grande do Sul, Brasil.
laboca@outlook.com.br

² Mestra em Memória Social e Patrimônio Cultural – Universidade Federal de Pelotas - UFPel; Professora na Universidade Federal do Pampa – Unipampa; Campus Jaguarão, Rio Grande do Sul, Brasil.
alessandrafarina@unipampa.edu.br

diferentes momentos experimentados por los antepasados, un legado cultural que merece ser registrado para ser protegido.

Palabras claves: Negro Rastillo, Jaguarão, Memoria, Identidad.

Abstract

This paper deals with the description of a legend the rural area in Jaguarao, RS, the "Negro do Rastilho." The main objective of the study is to report and thus make visible the history of Negro Rastilho, who lived on site in the early twentieth century. The paper also shows the connection from this research object with the cultural memory of the local community, permeating ethnic, mystical and religious issues that remained in the popular imagination through jaguarenses generations, especially by people who portray who identify with the black in your life everyday. The methodology used was theoretical review of memory, identity, tradition and registration of intangible assets, as well as oral history with some devotees of Negro do Rastilho, residents at local. Pictures and some historical information was used from the research project Orality and Frontier, of Federal University of Pampa. As a result, we can reiterate the importance of highlighting the manifestations of popular culture, which express the beliefs and different times experienced by ancestors, a cultural legacy that deserves to be registered to be protected.

Keywords: Negro do Rastilho, Jaguarão, Memory, Identity.

1. Introdução

O presente trabalho trata da descrição de uma lenda da zona rural de Jaguarão, RS, o “Negro do Rastilho”. O principal objetivo do trabalho é relatar e assim dar visibilidade a história do Negro do Rastilho, que viveu no local no começo do século XX. O trabalho também mostra o vínculo deste objeto de pesquisa com a memória cultural da comunidade local, perpassando questões étnicas, místicas e religiosas que permaneceram no imaginário popular através de gerações de jaguarenses, principalmente por pessoas que retratam, que se identificam com o negro em sua vida cotidiana.

O Negro do Rastilho, como é conhecido, viveu na região de Santana, zona rural de Jaguarão, município localizado no extremo sul do Rio Grande do Sul, Brasil, no começo do século XX. Era descendente de africanos escravizados, afeito a vícios como o tabaco e o álcool. Faleceu no ano de 1945, e foi sepultado em uma propriedade rural da região. De acordo com a fala dos habitantes locais, seu sepultamento se deu em troca dele ter feito um milagre, pois o Negro havia salvado a colheita de determinada propriedade, que passava por dificuldades graças à seca. A partir de então, há uma demanda peregrinatória de membros da comunidade local ao túmulo do Negro, afim de fazer pedidos, depositar oferendas, pagar promessas e outras manifestações ligadas à fé, devoção e crença popular local.

Justifica-se a importância do estudo desta lenda, pois sabe-se que os bens culturais ligados à segmentos menos favorecidos das comunidades são historicamente devorados, desmantelados, permanecendo, temporariamente nas memórias sociais locais e por fim acabam por desaparecer (Pelegrini, 2009, p. 99). Esses bens culturais, saberes, crenças,

tradições, lendas, refletem a história, a memória e identidades dos antepassados, e constituem parte imprescindível do patrimônio brasileiro, relacionando-se há diferentes tempos históricos e contextos regionais específicos. O registro de bens culturais vem dar a conhecer os valores imateriais das comunidades para que se possa refletir sobre maneiras de contribuir para sua preservação.

A metodologia utilizada neste artigo foi breve revisão teórica de memória, identidade, tradição, patrimonializações e turismo. Alguns depoimentos foram colhidos através de registro de história oral, com depoentes integrantes da comunidade de Santana, para saber mais dados da história do Negro do Rastilho, seu significado e da crença popular em seus milagres.

Considera-se que o Negro do Rastilho, sua história e os desdobramentos, a devoção a ele, a identificação, seu significado, a crença em seus milagres pela comunidade local podem ser considerados bens imateriais de Jaguarão, sendo possível, desta forma, refletir sobre sua patrimonialização.

2. Breve contextualização histórica do Negro do Rastilho

A pesquisa histórica da vida e trajetória do Negro do Rastilho é trabalhosa, pois não se sabe ao certo sua origem. Por ter sido um homem pobre, não há registros de seu nascimento. Porém sua existência é contada através de narrativas de diversos membros da comunidade, principalmente pelos mais idosos, e expressa através da memória social do povo da região onde o Negro viveu. Essas histórias, esses relatos são contados, significados e recontados de pai para filho, em uma cadeia geracional e assim sendo possível manter a memória do Negro viva por tantas décadas. Parte deste resgate da história do Negro do Rastilho, contada e analisada neste trabalho, foi cedida pelo Projeto Oralidade e Fronteira, vinculado ao curso de Letras da Unipampa, Campus Jaguarão.

Assim como era chamado, o Negro do Rastilho viveu no começo do século XX, na região de Santana, mais conhecida como segunda zona em Jaguarão, extremo sul do Rio Grande do Sul, conforme mapa de localização, na Figura 01. Seu nome completo era Ramon Machado, sua data de falecimento foi 13/07/1945. Era descendente de africanos escravizados remanescentes na região e conhecido como um andarilho que perambulava pelas estradas e fazendas realizando pequenos furtos. Fato marcante nas narrativas sobre o Negro eram os vícios que ele cultivava, como fumo e álcool.

Figura 01: Mapa de localização da cidade de Jaguarão RS.



Fonte: Wikimidia (2016).

Em consequência de um desses furtos, o Negro foi morto pela polícia local. Na ocasião, por não ter família ou parente próximo, foi enterrado em uma propriedade da região. O proprietário dessa fazenda prometeu ao Negro do Rastilho que faria seu túmulo dentro de suas terras se o mesmo salvasse sua plantação que estaria passando por um momento delicado podendo perder toda sua lavoura.

Neste período começou o contexto de milagres atendidos pelo Negro do Rastilho, pois depois dessa promessa feita pelo dono da fazenda, ocorreu uma grande chuva, salvando sua plantação. Este foi o primeiro de muitos milagres atendidos pelo Negro do Rastilho, milagres que eram retribuídos através de garrafas de cachaça e fumo, ou maços de cigarro que eram, e até hoje são colocados em seu túmulo para “satisfazer” os vícios que ele possuía durante o período em que viveu.

Depois que seu túmulo foi construído conforme a Figura 02, surgiram na fala local diversas histórias de milagres através das quais o Negro do Rastilho teve seu reconhecimento junto à comunidade local. Por ser uma poderosa fonte de fé dos moradores locais e que tiveram a oportunidade de conhecer sua história e aos que foram atendidos pelos pedidos

feitos dessa forma o Negro é considerado uma importante referência, principalmente para aquela comunidade.

Figura 02: Túmulo do Negro do Rastilho



Fonte: Acervo do Projeto de Pesquisa Oralidade e Fronteira (UNIPAMPA).

Pode-se ver na figura acima, no túmulo do Negro, algumas oferendas, dentre elas, diversas garrafas de cachaça, local para acender as velas. Há também placas de agradecimento feitas por devotos, por milagres e graças recebidos do Negro. Percebe-se que o túmulo está localizado à sombra de uma figueira, e que é parte integrante do campo, ao fundo, o que caracteriza o bioma pampa, onde está inserido. Com o tempo, os milagres do Negro estão sendo conhecidos não apenas na comunidade de Santana, mas na região, de devotos moradores do centro da cidade de Jaguarão, por exemplo, que fazem e pagam as promessas feitas ao Negro do Rastilho.

As crenças populares, a fé, reforçam a identidade social local. Pode-se perceber a identificação dos devotos com a figura do Negro e a confiança na sua capacidade de ajudar em momentos difíceis. Tanto a devoção quanto o túmulo em si são elementos da cultura local, bens culturais que estão vulneráveis, podem ser extintos, pois, por exemplo, o túmulo está situado em uma propriedade particular, e não é legitimado como um patrimônio imaterial local, não há desta forma a garantia de sua permanência e de que a lenda estará viva para as próximas gerações de Santana.

3. Considerações sobre memória, identidade e tradição

Para mim a terra natal não é exatamente o lugar onde nossos mortos estão enterrados; é o lugar onde temos nossas raízes, onde possuímos nossa casa, falamos nossa linguagem, pulsamos os nossos sentimentos mesmo quando ficamos em silêncio. É o lugar onde sempre somos reconhecidos. É o que todos desejamos, no fundo do coração: sermos reconhecidos e bem recebidos sem nenhuma pergunta (MARTINS, 2006, p. 40).

A memória faz com que nos situemos no mundo, nos lugares, nos grupos. Essa afeição pela “terra natal”, mencionada na citação acima, não se dá apenas por uma localização geográfica, mas pelas memórias que temos dos momentos vividos, das pessoas, dos costumes. A memória pode mudar no decorrer dos anos, é viva, suscetível a esquecimentos. A narrativa da história do Negro do Rastilho, contada anteriormente, foi relatada por um dos depoentes, com riqueza de detalhes e elementos que coincidem:

O Rastilho é um negro velho que trabalhava lá com Miraboa, na segunda zona Bretanha ali e que morreu, morreu por lá e enterraram ele num bosque de eucalipto, fizeram um túmulo pra ele lá, botaram, fizeram até um funil no túmulo dele e tomava muita cachaça o nego véio, então o pessoal dali contava, dali da vizinhança toda ali que, que ele atendia promessas, faziam a promessa e pagava com cachaça e diz que ele atendeu muita gente da região ali (Claudio Barbosa, morador da comunidade, em entrevista concedida em outubro de 2016).

Conforme pode se perceber do relato anterior, a memória é uma construção da história do lugar, pelos imaginários das pessoas que estão difundidas na cultura do local e de todos seus elementos, sociais, culturais, místicos, dentre outros. A memória e a identidade se concentram em lugares, considerados lugares privilegiados, que se constituem como referências perenes percebidas como um desafio ao tempo (CANDAUI, 2011, p. 156). Somente o que o espaço físico não é capaz de fazer com que um lugar se torne especial. O respectivo entendimento de especial é dado por quem compreende o lugar. Quem olha, analisa, vive, crê a partir de seus sentidos e experiências.

De acordo com Martins (2006), o que dá essência ao lugar é o conjunto de experiências, significados, a simbologia que a cultura local marcou nele, conseqüentemente isso é o que leva o outro a sentir, originando-se de seus valores do lugar no qual se visita. O conjunto de valores interpretado pelos sentidos e símbolos esboça no espaço geográfico, e ao mesmo tempo em que dele se aprimora, sinaliza marcas como insinuando isto sou eu e, congregado com a coletividade social, isto somos nós. No depoimento a seguir, da Sra. Rosângela Mota, é possível perceber aspectos de coletividade da comunidade, de união em torno de uma crença, um ritual:

[...] acho que foi em setembro de 2006 que eu conheci o túmulo do Negro Rastilho, chegamos lá num domingo e nos deparamos com bastante pessoas entrando num campo de propriedade particular, todo mundo com a garrafa de cachaça, uma sacolinha pra fazer uma oferenda, um agrado em busca de um milagre, isso foi o que eu percebi, foi em busca de um milagre, chegamos lá como todos, fiz o pedido ao Negro Rastilho que ajudasse a minha mãe a sobreviver, que ela não sofresse, eu pedi pra ele se fosse da vontade de Deus, respeitando a vontade de Deus que ele ajudasse a minha mãe a sobreviver porque ela era tão nova e eu queria tanto que a minha mãe não morresse, e aí fizemos o que todo mundo fez, colocamos uma garrafa de cachaça no funil, que está instalado em cima, e nós despejávamos a garrafa de cachaça ali e colocávamos os cigarros do lado (Rosângela Mota, devota do Negro do Rastilho, em entrevista concedida em outubro de 2016).

Percebe-se no depoimento ações que, para a comunidade que acredita nos poderes do Negro podem ser corriqueiras, mas que se analisadas no contexto da memória, de um bem cultural de várias décadas, presente na fé, na devoção, se torna um patrimônio, uma referência cultural. Há a emoção do relato, da busca pelo milagre, não de apenas uma devota, mas de vários. A lembrança dos “agradados” ao Negro, levados por todos que faziam pedidos, e que podem ser vistos na Figura 02, estão presentes na memória da depoente.

Considera-se que a memória viva do Negro do Rastilho, na localidade de Santana, em Jaguarão, é um exemplo de como uma história transmitida por décadas, ressignificada e tornada uma lenda, uma tradição, uma crença popular no decorrer dos anos. No túmulo do Negro não está apenas à memória do homem que viveu no começo do século XX, mas o conjunto de significados trazidos, a história cruel da escravidão nesta região e do triste legado dos seus herdeiros, a vivência na pobreza, na periferia, a identificação das pessoas com o Negro, a crença em sua ajuda em necessidades, à marca pessoal do costume difundido entre os homens daquele período, presente nas ofertas, bebida alcoólica e cigarros, dentre outros elementos passíveis de análise. Nos relatos pesquisados, percebe-se também a recorrência de castigos que o Negro concedia a quem não atendessem aos seus vícios:

Tem um caso que o pessoal conta dali do próprio dono da estância ali, o Miraboa quando plantava arroz lá que faltou água no açude e diz que ele fez uma promessa pro nego véio que se chovesse pra pegar água no açude que ele dava um barril de cachaça, botava no túmulo dele lá, aí diz que choveu mesmo, choveu no outro dia ou no mesmo dia diz que começou a chover, choveu bastante, encheu o açude. Aí ele lembrou que tinha feito, mas achou que era besteira, bobagem que não existia isso nada, que não ia atender promessa do nego véio, que não ia trazer canha nenhuma. Dizem que se parou uns temporozão de vento, que começou a botar água por cima da taipa do açude e que ele se apavorou que ia arrebentar a taipa do açude. Pegou a caminhoneta e veio a Jaguarão e levou o barril de cachaça e botou lá pro nego véio lá. Calmou tudo, calmou vento, calmou tudo lá (Claudio Barbosa, morador da comunidade, em entrevista concedida em outubro de 2016).

Assim, pode se afirmar que a memória é parte fundamental na compreensão dos significados de patrimônio e também contribui para que este possa ser melhor compreendido. A memória do Negro do Rastilho, sendo uma lenda de Jaguarão, contada e recontada por gerações, e sendo também uma fonte de fé para muitas pessoas que lhes confiam pedidos e têm seus milagres realizados, é passível de estudo a respeito da memória e significado. Nos relatos da comunidade, são evidenciados a história, e todos os seus feitos como uma identidade cultural própria de Santana. Pensando assim a legislação é clara a respeito do reconhecimento das culturas, incluindo a do Negro do Rastilho por sua história desde a época escravagista, sua caracterização de um grupo social, ou seja, de Santana e também a inclusão da crença religiosa.

A cultura adquire formas através do tempo e do espaço. Esta diversidade se manifesta na originalidade e na pluralidade das identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade. Fonte de intercâmbios e de criatividade, a diversidade cultural é tão necessária para o gênero humano como a diversidade biológica para os organismos vivos. Neste sentido, constitui o patrimônio comum da humanidade e deve ser reconhecida e consolidada no benefício das gerações presentes e futuras. (CERQUEIRA, 2012, p. 49)

Destacamos assim a relevância de se estudar as tradições, memórias e identidades das comunidades, como o caso do Negro do Rastilho, a fim de preservar as diferentes culturas com o intuito que não se perca as memórias dos antepassados e as novas gerações possam usufruir desse bem histórico que realça a origem dos patrimônios. Para que se mantenham essas memórias vivas é preciso registrá-las e traze-las ao público de forma com que se preserve não só suas raízes, mas também as pessoas que interagem nesse meio.

Para estudar o passado de um povo, de uma instituição, de uma classe, não basta aceitar ao pé da letra tudo quanto nos deixou a simples tradição escrita. É preciso fazer falar a multidão imensa dos figurantes mudos que enchem o panorama da história e são muitas vezes mais interessantes e mais importantes do que os outros, os que apenas escrevem a história. (CERQUEIRA, 2012, p. 52)

Nesse processo de registro é preciso focar no registro oral da memória, sendo assim válido na proteção dessa história como na conservação englobando toda parte da imaterialidade, do natural, buscando o verdadeiro, sem invenções. De acordo com o autor, é preciso formar políticas e estratégias de preservação e enfoque do patrimônio natural e cultural, especificamente o patrimônio oral e imaterial.

4. A patrimonialização de bens imateriais e o turismo

Patrimônio cultural é todo conjunto de manifestações humanas materiais, imateriais e naturais que esboçam os diferentes modos de convivência do homem com os diferentes grupos sociais e o ambiente natural que propicia o simbolismo da cultura de um povo. O patrimônio expressa a identidade, os saberes populares, as crenças, os modos de fazer e de viver. O estudo dos bens culturais que podem ser patrimonializados, como o Negro do Rastilho, é fundamental para que se preserve a identidade cultural local.

A identidade perdida no global proporciona a perda das referências. [...] Os sujeitos em seus espaços, seja no nordeste, no sul do Brasil ou em qualquer lugar do mundo, sabem o que são e valoriza-se por meio de suas construções simbólicas, as quais por sua vez, refletem sua história, bem como toda a real significação dos lugares, resgatando em suas linguagens, leituras e expressões o que sempre serão em essência.” (MARTINS, p. 49, 2006).

Atualmente o tema patrimonialização das expressões que contam de alguma forma a história do lugar, é uma discussão de extrema relevância, pois trata da identidade das pessoas que cultivam esses conjuntos simbólicos no qual são espelhadas nas mais diversas formas de viver. A patrimonialização, assim, pode contribuir para a valorização da identidade de um povo, e o mais importante, auxilia no sentido de que seja protegida, preservada para que não se perca traços importantes de história cultural. O registro, o mapeamento de lendas, contos e expressões entre tantas outras, constituem um acervo de diversidade cultural das nações.

A fé, a crença na ajuda do Negro em momentos difíceis, faz daquele lugar um lugar especial, carregado de memória e significados para a comunidade local:

[...] faz parte da nossa história, porque as pessoas, principalmente na zona rural, toda conhece a história dele né, é como uma, é que nem eu te falei, pra mim ele reflete como uma lenda quando sempre falam nele, pra mim ele é uma lenda, assim um motivo de esperança que as pessoas vão lá com esperança de conseguir ser atendida (Rosângela Mota, devota do Negro do Rastilho, em entrevista concedida em outubro de 2016).

Conforme visto no depoimento acima, o Negro, o túmulo, a fé “faz parte na nossa história”, são bens comuns, são memórias compartilhadas que não devem ser negligenciadas. Neste contexto, de proteção ao patrimônio, Cerqueira (2012) enfatiza que a UNESCO e o IPHAN criaram legislações para reconhecer e valorizar as culturas não só as tangíveis, como também todo o imaterial das múltiplas vivências, reiterando que a cultura deve ser definida no conjunto que agregam símbolos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que descrevem as sociedades ou grupos sociais, no qual também compreende as artes e letras, os modos de vida, o conjunto de maneiras vivenciadas, os sistemas de valores, as tradições e as crenças.

A lenda do Negro do Rastilho se enquadra neste contexto de estudo, para uma futura patrimonialização de um bem cultural de Jaguarão, por realçar os traços determinantes, de sua crença na vida cotidiana das pessoas de Santana.

No contexto do patrimônio e identidade cultural, o turismo pode ser considerado como um instrumento de promoção das diversidades culturais, com a valorização e preservação das culturas. Nesse meio existem políticas públicas que auxiliam no reconhecimento e conservação das pluralidades de culturas, destacando também a importância da comunidade na preservação dessas patrimonializações. Antes de considerar a possibilidade do Negro do Rastilho, lenda, túmulo, como um atrativo turístico, é preciso refletir sobre os impactos negativos que possam ocorrer. Como afirma Arantes (1999), existem vários negócios e políticas de patrimônio, que visam o fortalecimento do consumo dos bens culturais que terminam por conceder mínima atenção, quase nenhuma, a importância simbólica e aplicam total valor em seu aspecto alegórico. Resultante disso os empreendedores situam-se em uma situação que requer muito cuidado, criando locais para o mercado onde expõem identidades de vitrine, para visitantes cheios de informações, em um panorama descartável. Nesse sentido o autor refere-se ao patrimônio entendendo que “o bem cultural que diz respeito aos sentidos enraizados e subentendidos na ação social; estes são os significados que estruturam a memória coletiva” (ARANTES, 1999, p. 129).

Entendendo o turismo cultural como a busca pelo conhecimento das culturas, se percebe a possibilidade de enriquecimento das mesmas, de seus protagonistas e também do público alvo. É necessário destacar esse vínculo que interage sobre o âmbito do turismo cultural, onde na verdade seria a fonte de fomento da atividade juntamente com inspiração de novas experiências, no sentido de viver uma história, uma tradição, uma lenda. As diversas relações sociais instigadas por essa diversidade de expressões de um lugar, de um grupo local como o Negro do Rastilho, são mais um aspecto que abrange as legislações das políticas públicas que defendem a patrimonialização dessa memória social. Assim o Negro do Rastilho, define-se pela verdadeira identidade, do vínculo social da comunidade de Santana, reconstruem sua história e sua lenda dia a dia, por sua essência, pelo que realmente representa para cultura jaguareense e que engrandece a população local por incentivar esse sentido amoroso para com seus devotos.

5. Considerações Finais

Conforme foi visto, mesmo que não seja amplamente conhecida na região, à lenda do Negro do Rastilho faz parte da vida, da história e memória dos moradores de Santana, em

Jaguarão, RS. Os feitos milagrosos do Negro fazem com que haja uma “peregrinação” ao seu túmulo, além da oferta de presentes a ele, caracterizando uma simbologia peculiar do local, que mostra um traço da identidade cultural local. A lenda do Negro do Rastilho, por sua característica de ser ligada ao popular, pode consolidar-se como patrimônio cultural imaterial do estado do Rio Grande do Sul.

A memória coletiva das pessoas que construíram a história do Negro do Rastilho conforme lembranças relatadas formam um memorial único da figura do Negro e como ele é representado, sua lenda e a crença do povo em um homem simples que realiza milagres. O “ser simples”, trabalhador, antigo morador da localidade, de certa forma aproxima o Negro milagreiro dos seus fiéis. O túmulo do Negro do Rastilho fica em meio a um campo, embaixo de uma figueira, configurando um conjunto paisagístico cultural do pampa gaúcho, destacando a imagem de uma sepultura que conta a trajetória do descendente de escravo.

É necessário julgar a importância da memória na resignação afetiva a um grupo social, ou seja, as pessoas espelhadas no seu contexto habitual, no que os identifica de verdade, ou seja, a justa memória (Ricoeur, 2007), que se reconheça o patrimônio em sua integralidade, incluindo-se as “memórias subterrâneas”, aquelas comuns a um determinado grupo, que estão praticamente esquecidas (POLLAK, 1989, p. 03). Pode-se afirmar que há certa disparidade entre a valorização do patrimônio material e imaterial em Jaguarão. No ano de 2011 houve o tombamento do conjunto arquitetônico urbano, remanescente da influência portuguesa e espanhola nesta região de fronteira, o que a fez figurar como uma “Cidade Histórica” tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Em contraposição, as solicitações de registro do patrimônio imaterial local são poucas.

É possível refletir também, neste contexto, sobre o sistema capitalista notoriamente opressor, que se preocupa no lucro da venda das culturas causando com isso certa invenção de fazeres para poder se tornar valoroso no comércio do turismo (KRIPPENDORFF, 2009) a concepção das culturas precisa ser analisada de um panorama em que o pilar principal seja a originalidade das expressões, dos fazeres, do material, do imaterial, mais do que nunca da pluralidade de identidades atribuídas a um povo. O turismo é a busca do conhecimento por novas culturas e a importância de manter viva uma história que entrelaça raízes com a era escravagista e o cenário vivo de uma lenda que dentre tantos anos se mantém como fonte de inspiração de um povo, o túmulo do Negro do Rastilho assim como sua história pode ser considerado, após um processo de assimilação e planejamento, buscando um público-alvo específico, um atrativo de turismo religioso de Jaguarão.

O patrimônio não pode ser dissociado, o material do imaterial, ambos têm que caminhar juntos, em todos os aspectos, separar seria retirar o sentido de um inserido no outro (MENESES, 2006), e por isso que a história do Negro do Rastilho é tão importante para a comunidade jaguareense, por demonstrar valores étnicos de suma relevância, evidenciando ao máximo, a interpretação de afeto das pessoas, para com o “nego véio”, como alguns o chamam.

A construção coletiva dessa memória é o que dá a alma para o lugar, o que legitima a lenda do Negro, com o imaginário da comunidade da segunda zona, é a essência de tempos passados, contados e lembrados com extremo valor simbólico. A memória de Santana é baseada nos protagonistas dessa história, na imagem viva do Negro do Rastilho, memória dos milagres, memória do trabalho, da terra:

A vizinhança conta ali, muita gente que trabalhou ali com eles ali, que o nego véio atendia mesmo e ainda existe, tá lá em baixo, hoje ainda existe o túmulo dele lá, pra quem quiser ir lá ver, na segunda zona lá, trocou de dono já, plantam soja ali na volta, mas tá lá o açude do Rastilho e na cola do açude tá o túmulo dele ainda lá, pra quem quiser ir lá ver (Claudio Barbosa, morador da comunidade, em entrevista concedida em outubro de 2016).

Referências

ARANTES, Antonio Augusto. Repensando os aspectos sociais da sustentabilidade: a conservação integrada do patrimônio ambiental urbano. **Projeto História**, São Paulo, p.121-134, 18 maio 1999.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

CERQUEIRA, Fábio Vergara. Novas diretrizes para a proteção do patrimônio: a diversidade cultural e o imaterial: a diversidade cultural. **MÉTIS: História & Cultura**, Pelotas, v. 24, n. 12, p.40-63, 01 jul. 2012.

MARTINS, Clerton. **Patrimônio Cultural, da memória ao sentido do lugar, patrimônio cultural e identidade**: significado e sentido do lugar turístico, São Paulo: Roca, 2006.

KRIPPENDORF, Jost. Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. **Edição Comemorativa de 25 Anos**, São Paulo, v. 3, p.1-237, ago. 2009.

MENESES, José Newton Coelho. História & Turismo Cultural. **Histórias e Reflexões**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p.1-127, 1 jan. 2006.

PELEGRINI, Sandra C. A. A salvaguarda e a sustentabilidade do patrimônio imaterial brasileiro: impasses e jurisprudências. In: FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra A. A.; RAMBELLI, Gilson (org.) **Patrimônio Cultural e Ambiental**: Questões legais e conceituais. São Paulo: Annablume, 2009.

Projeto Oralidade e Fronteira. Disponível em: <<http://www.unipampa.edu.br/portal/>>.

Acesso em: 07 set. 2016.

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Revista Estudos Históricos**, v. 02, n. 03, p. 3-15, 1989. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2278>> Acesso em 05 ago 2012.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

Sites

GENERAL OSÓRIO (Jaguarão). **Lendas de Jaguarão: Negro do Rastilho.** 2012. Disponível em: <<http://piquetegeneralosorio.blogspot.com.br/2012/03/lendas-de-jaguarao.html>>. Acesso em: 07 set. 2016.

IPHAN. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/276>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

Entrevistas:

Sr. Cláudio Barbosa, morador da comunidade. Entrevista concedida em Jaguarão, em outubro de 2016. 0h03m08s

Sra. Rosângela Mota, devota do Negro. Entrevista concedida em Jaguarão, em outubro de 2016. 0h01m45s, 0h01m11s